

OFÍCIO E DESAFIOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Junia Fior SANTOS (UFGD)¹

Resumo

O presente trabalho trás de forma sucinta, um breve estudo sobre a responsabilidade social contida na disciplina de História, dentro do contexto escolar. Tendo em vista que a docência constitui-se em uma atividade de natureza intelectual, na qual se vinculam as dimensões do saber, do saber-fazer e também na observação acerca de seus objetivos como práticas sociais, em que as habilidades não compreendem apenas o conhecimento de técnicas e ferramentas, mas também a percepção de seu encadeamento com o contexto social, no qual se desempenha os projetos transformadores. Isto é, a ação pedagógica não se fixa apenas no campo do conhecimento, mas envolve também perspectivas éticas, na proporção em que se lida com valores. Assim, conclui-se que ensinar História envolve várias questões ideológicas, teóricas e metodológicas que se encontram presentes no ensino, o que exige não só uma boa formação, mas também uma atuação que possibilite o acesso a novas propostas metodológicas.

Palavras-chave: Docência; História; Desafios contemporâneos.

Introdução

A docência constitui-se em uma atividade de natureza intelectual, na qual se vinculam as dimensões do saber, do saber-fazer e também na observação acerca de seus objetivos como práticas sociais, em que as habilidades não compreendem apenas o conhecimento de técnicas e ferramentas, mas também a percepção de seu encadeamento com o contexto social, no qual se desempenha os projetos transformadores. Isto é, a ação pedagógica não se fixa apenas no campo do conhecimento, mas envolve também perspectivas éticas, na proporção em que se lida com valores.

¹ Junia.fs@hotmail.com - Mestranda em História da Universidade Federal da Grande Dourados.

Na medida em que a complexidade de cada sociedade aumenta, a educação se torna cada vez mais imprescindível, sendo esta um elemento fundamental para a análise da realidade a qual o indivíduo se encontra inserido e, para uma atuação responsável e consciente na sociedade

Assim, este trabalho procura analisar o processo de formação dos profissionais da educação na contemporaneidade, tencionando compreender a necessidade de uma reflexão sobre os compromissos éticos com a ação pedagógica que se propõe na formação docente, sendo este um momento propício para a redefinição de sua compreensão prática. É necessário se ater as mudanças que o atual sistema educacional exige de seus profissionais, em que a inovação de estratégias de aprendizagem é uma delas. Tendo em vista que tudo se transforma e as experiências em sala são únicas, as aulas são acontecimentos que se constroem por metodologias, em que o docente define o método mais viável para a difusão do ensino enquanto um meio para progressão do conhecimento.

Fundamentação Teórica

Com as constantes transformações ocorridas na sociedade contemporânea, exige-se uma nova postura do docente, bem como a reconsideração de sua prática pedagógica. A necessidade de se buscar novos caminhos e novos projetos se fazem indispensáveis quando se assume o compromisso com a atual realidade pedagógica de nossas escolas públicas, sendo necessário ultrapassar os obstáculos político-sócio-culturais presentes nesses espaços.

O ofício docente requer uma proposta de mediação entre o aluno e o conhecimento que seja analisada e construída coletivamente, onde este se proponha a refletir criticamente sobre sua atuação como formador. Faz-se imprescindível destacar que este profissional conheça a essência de sua profissão, em conjunto com suas características individuais e competências profissionais, a fim de que se tenha como resultado a tão esperada construção de conhecimentos.

As mudanças que o sistema educacional obteve com a Lei de Diretrizes e bases da educação (LDB/96) causaram alguns impactos em suas determinações quanto ao trabalho do professor, estabelecendo uma política de valorização docente, porem sua real efetivação pode ser melhor avaliada na contemporaneidade. Essa “valorização” da profissionalização retrata uma perspectiva ideológica de

condicionamento, em que as condições de trabalho negam a real efetivação de tal proposta.

O atual sistema educacional mostra-se, teoricamente, comprometido com o disciplinamento do trabalho docente. De acordo com Kuenzer (2014, p.82), “o trabalho docente não escapa à dupla face do trabalho capitalista: produzir valores de uso e valores de troca”. Os trabalhadores encontram-se inseridos em um contexto marcado por um sistema de produção e de exploração do sistema capitalista, visto que a educação escolar em seu âmbito histórico se constitui como meio eficaz de corroboração e reprodução desse mesmo sistema. Diante da experiência prática é possível presenciar o processo de alienação² a qual os profissionais da educação se encontram inseridos, um sistema de vigilância e subordinação a um sistema educacional imposto pela elite.

Como bem salienta Enguita:

[...] o magistério vem adquirindo, de forma crescente, aspectos estruturais similares aos do proletariado, isto é, vem se proletarizando. Isso significa que vem deixando de ter como autonomia e controle sobre os meios, objeto e o processo do seu trabalho, para adquirir traços da situação estrutural, próprios do trabalho assalariado proletário (ENGUITA. apud SILVA, 1992, p.176)

Como se pode observar, a compra da força de trabalho do educador compreende uma relação de troca, já que estes são responsáveis pela formação de indivíduos que atenderão às demandas do sistema capitalista. Esses trabalhadores assalariados que se encontram submetidos a processos de padronização tem sua autonomia comprometida por um sistema opressor. É perceptível a necessidade de uma revolução organizacional no trabalho docente, em que seja estabelecida uma nova sociabilidade no âmbito educacional, de preferência desalienada.

Acompanhando as problemáticas no âmbito da educação pública, Nóvoa (1955) observa que as transformações no sistema escolar possibilitaram o acesso ao ensino para todos aqueles que almejam por este, porém tal transformação também assegurou a mecanização do trabalho docente, em que esses profissionais passaram a lidar com as constantes críticas, sendo considerados os principais responsáveis pelas contrariedades que o sistema vivencia. A desconfiança em relação à qualidade do trabalho oferecido por esses profissionais acaba expondo o mal-estar docente, que o sistema se encarrega de assegurar. Esses profissionais mostram-se preocupados

² Alienação refere-se a hierarquia do controle no interior do próprio contexto social, em que o indivíduo permanece alheio aos acontecimentos sociais.

em reencontrar incentivos no interior de seu espaço de trabalho, e ao investir em seu aperfeiçoamento profissional, esses enfatizam a qualidade de seu trabalho, visando à valorização de sua carreira e novos idealismos escolares que possibilitem uma nova aceção à ação docente.

Na contemporaneidade a formação do docente em História e sua prática cotidiana no espaço escolar vem sendo mais discutida no ambiente universitário, seja na sala de aula, congressos, especializações entre outros momentos. Na maioria dessas discussões é visível na fala dos professores a emergência de mudanças que venha superar o “padrão” de ensino fundamental e médio, como também no ensino superior, o qual é responsável pela preparação dos futuros profissionais dessa área.

É imprescindível que o professor de História oriente seu trabalho de forma que fique claro para seus alunos a relação entre as diferentes posições na estrutura social e a perspectiva do processo histórico, para que seus alunos tenham entendimento acerca da construção da História, como enfatiza, Bittencourt, “ a sala de aula não é apenas um espaço onde transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constrói sentidos”. (p.57, 2002)

O profissional licenciado em História produz conhecimentos históricos em duas propostas: na pesquisa acadêmica e no ensino escolar. Promover conhecimentos históricos na pesquisa acadêmica é partir de uma dada realidade, tendo o tempo como elemento principal, onde desenvolve-se uma investigação através de diferentes fontes, utilizando-se de dispositivos teóricos e metodológicos, concluindo caminho percorrido na produção de um trabalho de caráter científico.

Produzir conhecimento histórico no espaço do ensino escolar é desenvolver coletivamente saberes históricos, onde alunos e professores analisam, questionam e aprendem com as fontes históricas disponibilizadas. É importante ter em mente que a forma de desenvolvimento teórico empreendido na pesquisa científica serve como menção na produção do conhecimento histórico escolar. Suas características específicas dialogam com a linguagem disciplinar estruturada pela tradição escolar.

O pesquisador e professor de História deve expor as ligações do passado com o presente, tendo em mente que não se deve atribuir as fontes como verdades absolutas para interpretá-las, compreendê-las e sobretudo confrontá-las. Desse modo, incitar o interesse pelo conhecimento histórico é fomentar o diálogo com diferentes fontes e contextos que se dão através da interpretação do passado, respeitando os princípios e preceitos da ciência histórica.

Refletir sobre o “tempo” é afirmar um rompimento com as concepções ideológicas de tempo pré-estabelecidas em nossa vida, no tempo por nós vivido e compreendido. É entender que os princípios que construímos acerca do tempo, até mesmo quanto ao seu caráter cíclico e dinâmico, são representações produzidas por indivíduos de diferentes épocas, a partir de determinados referenciais informativos para a realidade. Como enfatiza, Norbert Elias (1998, p.10), é compreender que este conhecimento, “resulta de um longo processo de aprendizagem, que não teve um começo na história da humanidade”, que é exposto de forma silenciosa para que possamos entender as noções de tempo como se fossem naturais e não uma consequência de um extenso processo histórico.

Trabalhar com a disciplina de História é sobretudo, incitar os alunos a analisar, questionar e também a lutar por avanços sociais, visto que, nos deparamos a todo momento com concepções ideológicas em que o passado é compreendido de forma desassociada do presente, o que contribui, de acordo com Eric Hobsbawm (1949, p. 13), em uma condição de presente ininterrupto “sem qualquer relação orgânica com o passado”. Neste contexto o ofício do historiador, e, portanto da produção historiográfica instituída por estes, objeto com o qual se trabalha na educação, torna-se essencial na formação de instrumentos geradores de consciência histórica e constituição da ideia de tempo. Lembrando que o “tempo” não é um tema exclusivo da História, outras ciências também o tem como objeto, como é o caso da física, psicologia, geografia, dentre outras áreas do conhecimento que contribuem de diferentes formas para seu entendimento. No que refere-se a área de História, pode-se dizer que é a concepção de temporalidade que especifica o que designamos de conhecimento histórico.

A palavra História, empregada na qualidade de conhecimento de uma matéria, nos posiciona diante de outra questão, do que venha a ser ensinar e aprender História na instituição escolar, na qual tem como princípio fundamental, levar o aluno a aprender como uma determinada informação referente ao passado é construída. Assim, o propósito em sala de aula não se limita apenas a conhecer informações a respeito do passado, mas compreender, historicamente os motivos pelo qual tal conhecimento foi elaborado, como e porque este chegou até nós. Nesse sentido não nos basta, apenas induzir os alunos a saber quem foi Ernesto Geisel; Martinho Lutero; Frida Kahlo. Faz-se necessário mover-se temporalmente para saber quem foram estes personagens que se destacaram em diferentes contextos históricos, sendo

preciso compreender os motivos pelos quais é necessário estudar esses diferentes contextos.

Nesse contexto, Marc Bloch (2001, p.55) assegura que nenhum historiador se satisfaria apenas em especificar quando ocorreu um determinado fato, ou quanto tempo perdurou, mas tenciona a compreensão de toda a conexão de causas e efeitos resultantes dos fatos analisados.

Nenhum historiador, em contrapartida, se contentará em constatar que César levou oito anos para conquistar a Gália e que foram necessários quinze anos a Lutero para que, do ortodoxo noviço de Erfurt, saísse o reformador de Wittenberg. Importa-lhe muito mais atribuir à conquista da Gália seu exato lugar cronológico nas vicissitudes das sociedades européias; e, sem absolutamente negar o que uma crise espiritual como a de irmão Martinho continha de eterno, só julgará ter prestado contas disso depois de ter fixado, com precisão, seu momento na curva dos destinos tanto do homem que foi seu herói como da civilização que teve como atmosfera.

Deste modo, as transformações e permanências que ocorrem em determinado tempo cronológico só tem significação ou pode ser entendidas se forem expostas nas cadeias de eventos que lhes dão importância.

Notoriamente um trabalho em sala de aula, considerando a partir do ponto de vista do conhecimento de um determinado conteúdo, realiza-se de forma mais demorada do que um trabalho que se estruture a partir da perspectiva da matéria de um conhecimento. Desse modo, não podemos trabalhar com todo o conteúdo histórico. O docente, ao dedicar-se ao conhecimento histórico em sala de aula, do mesmo modo como faz o historiador ao produzir trabalhos, deve escolher os conteúdos em torno dos quais seus alunos serão motivados a explorar e produzir conhecimentos históricos, o que só se realiza contemplando o tempo como elemento substancial deste tipo de conhecimento.

No ensino de História as memórias se entrecruzam, dialogam e também entram em conflito, cabendo ao professor provocar novas reflexões, incitando o questionamento de “verdades” estabelecidas no próprio material didático que se utiliza em sala de aula, em busca da compreensão da historicidade da vida social que se vivência. Deste modo, possibilitando a construção de novos saberes, que podem vir a ser um mecanismo de libertação ou resistência ao sistema social. Nessa perspectiva, o estudo da História é uma indagação sobre a significação da vida coletiva e individual dos seres humanos no decorrer do tempo, nesse caso, a História exerce sua função na formação de cidadãos conscientes de seu papel em tal contexto.

Considerações Finais

Diante das reflexões que são feitas acerca da atuação do professor da era pós-moderna, percebe-se que ocorreram muitas mudanças significativas quanto a atuação desse profissional, no entanto ainda se faz necessário discutir sobre os desafios de elaborar novos meios para formar e capacitar as novas gerações, que exigem por mudanças positivas.

Nesse sentido, o ofício docente requer uma proposta de mediação entre o aluno e o conhecimento que seja analisada e construída coletivamente, onde este se proponha a refletir criticamente sobre sua atuação como formador. Faz-se imprescindível destacar que este profissional conheça a essência de sua profissão, em conjunto com suas características individuais e competências profissionais, a fim de que se tenha como resultado a tão esperada construção de conhecimentos.

A prática docente se ocupa de inúmeros componentes da formação acadêmica para estruturação dos saberes estabelecidos e apropriados na atividade da prática docente. Através desta perspectiva entende-se que o exercício da prática docente se estabelece a partir de uma confrontação entre a formação docente e a realidade da sala de aula. Um professor de História é então resultado dos saberes, da experiência e das condições determinantes dessa experiência.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da Pedagogia Geral e Brasil** 3 ed. São paulo: Moderna, 2006

BITTENCOURT, CIRCE (org.) e outros. **O saber histórico na sala de aula**. 7 ed. São Paulo, Contexto, 2002.

KUENZER, Acacia Zeneida. Dilemas da formação de professores para o Ensino Médio no século XXI. In: AZEVEDO, Jose Clovis de; REIS, Jonas Tarcísio. **O Ensino Médio e os Desafios da Experiência: movimentos da prática**. São Paulo: Moderna, 2014. p.77-92.

NIKITIUK, Sônia L. (org) **Repensando o ensino de História**. São Paulo: Cortez 1999.

NÓVOA, Antônio. **Os Professores na Virada do Milênio**: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. Educação e Pesquisa v.25, n.1, p. 11-20, 1999.

SEFFNER, Fernando. **Teoria, metodologia e ensino de História**. In: Guazelli, César A.B. Questões da teoria e metodologia da História. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu. O que produz e reproduz em educação: ensaios e Sociologia da Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

MATTOSO, José. **A Função Social da História no Mundo de Hoje**. Lisboa, AP.H. 1999.

MESQUITA, Ilka Miglio de; FONSECA, Selva. Formação de Professores de História: experiências, olhares e possibilidades. **Revista de História Unisinos**, Minas Gerais, v. 10, n. 3, p. 333-343, setembro/dezembro 2006.

SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sôia maria de Oliveira, **O Ensino de História e Suas Propostas: desafios da formação**. Anais do VI Encontro Nacional de perspectivas do Ensino de História, Natal, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.